

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA**

VITÓRIA MONTEIRO DA SILVA

POÉTICAS LIBERAIS DA ARTE: REFLEXÕES DE UM CORPO NECESSÁRIO

CRICIUMA

2018

VITÓRIA MONTEIRO DA SILVA

POÉTICAS LIBERAIS DA ARTE: REFLEXÕES DE UM CORPO NECESSÁRIO

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Graduado no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense- UNESC.

Orientador: Prof. Dr Eduardo Osorio Silva

CRICIUMA

2018

VITÓRIA MONTEIRO DA SILVA

POÉTICAS LIBERAIS DA ARTE: REFLEXÕES DE UM CORPO NECESSÁRIO

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Graduado, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense-UNESC- com Linha de Pesquisa em Arte Educação.

Criciúma, 19 de novembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Eduardo Osorio Silva – Orientador - UNESC
Professor Doutor em Artes - UNICAMP

Prof. Katiúscia Angélica Micaela de Oliveira – UNESC
Professora Mestra em Ciências da Linguagem - UNISUL

Prof. Juliana Pereira Guimarães – Professora da rede pública de ensino
Professora Mestranda em Educação – UNESC

Dedico esta pesquisa as minhas experiências com o teatro, que através delas possibilitou-me olhar para a arte com aguçamento de sensibilidade.

AGRADECIMENTOS

POESIA – ASSIM, A SIM!

*Perco-me quando vou ao meu encontro,
E há todo momento que me refaço, me esqueço!*

Sim, eu sou assim mesmo...

Um emaranhado de sentimentos!

Sinto-me viva através das minhas experiências

Eu sinto, sim, eu sinto muito!

E mesmo na dor procuro o amor,

E no amor me construo.

Estou em movimento

Você percebe? Eu não posso parar,

Para que meu coração se aqueça

Com tamanhas sensações vividas

Intensamente! Preciso andar...

Nessa jornada da universidade

Vejo que tudo o que vivo,

Eu agradeço!

E o que eu não vivo,

Escrevo.

Por mais desses momentos de...

Coisas da vida que me transformam.

IMAGEM – ASSIM, A SIM!



Fonte: Acervo da pesquisadora

E para começar, um agradecimento especial ao meu espírito livre que nunca se deixou levar pelo pessimismo. Gratidão a todos os momentos, bons e ruins, eles me mostram que eu estou viva. Agradeço ao universo por conspirar através de minhas energias positivas, me proporcionando tudo aquilo que precisei para chegar onde estou, construindo-me em todas as experiências. Falando nelas, também agradeço as minhas experiências, pois me tocaram a ponto de pesquisá-las e elas serem a bagagem de toda a pesquisa. Agradeço ao teatro, que é o lugar onde tudo me acontece, o lugar onde eu busco equilíbrio e conexão do meu corpo com a minha alma. Agradeço a capoeira, por me manter firme através de seu jogo, me fazendo enxergar que eu sou capaz de conquistar todos os meus sonhos. E agradeço à poesia, que me transforma a cada escrita, percebo que as linhas me

entrelaçam, fazendo-me um ser humano sensível, sentindo do amor a dor, intensamente. Em meu acervo pessoal, construo a trilogia de *“Poéticas liberais”*, inclusive *“Poéticas liberais da Arte: Reflexões de um corpo necessário”* agora, faz parte também. Junto com *“Poéticas liberais do amor: Um denigo só”*, onde em meu acervo tem aproximadamente 35 poemas românticos. A segunda parte da trilogia é *“Poéticas liberais da sedução: Desejos ocultos”* tendo cerca de 25 poemas eróticos, e agora, focada na escrita da terceira parte, escrevo *“Poéticas liberais do desapego: sai pra lá”*, onde escrevo poemas sobre amor próprio.

Sou cercada de pessoas com energias boas, e sempre há uma troca muito especial quando nos abraçamos, por isso me sinto tocada na alma por essas pessoas; vou citá-las aqui e agradecê-las: Gratidão ao meu pai, Cleudemir da Silva, por me proporcionar viver esse sonho, seu apoio emocional é fundamental para eu me sentir realizada. Gratidão a minha mãe, Ioláide Monteiro da Silva, que é meu exemplo de mulher, que protege e cuida por amor, é meu sinônimo de afeto, a luz no meu túnel. Agradeço aos meus irmãos de corpo e alma, Heitor Monteiro da Silva e Marjana Monteiro da Silva, meu potinho de alegria e compreensão, amor infinito a eles. Agradeço ao professor Marcos Antônio dos Santos, minha referência da profissão e da vida, um ser humano maravilhoso, que a cada encontro com ele se torne uma experiência, pois o seu envolvimento com a arte me transforma. Obrigada também a professora Juliana Pereira Guimarães, pelas conversas e vivências, você me trouxe até aqui, e agora, feliz eu digo: obrigada por permanecer e fazer parte da minha história. Agradeço também pelos professores que tive ao longo da minha época estudantil, foi o momento de encontro do meu corpo com a arte. Em especial agradeço a sensibilidade do professor Tarcísio Roldão da Rosa e da professora Lara Citadin, me transmitiram a poesia de seus corpos, através dos momentos compartilhados comigo.

Obrigada aos meus colegas, que ao longo da graduação se tornaram amigos que eu vou levar para a vida: Gabriela Duzzioni e Felipe Machado, momentos com eles são sempre muito marcantes em minha caminhada na universidade. A Paloma Neves, por abraçar as minhas ideias malucas e se

encorajar, vivendo a vida intensamente, como gostamos de ser. Ao Luiz Fernando Coutinho de Aguiar, que entre turbulências e desejos, sempre dividimos os nossos anseios, da universidade para vida, o admiro e o quero bem.

Agradeço aos meus amigos da vida, Driele Oliveira, a flor do meu jardim, seu abraço adormece meu coração, gratidão pela tua amizade. Eduarda Rosa, a nossa conexão é de outras vidas, obrigada por me ouvir nos momentos de angústia e estar comigo nos momentos de conquistas. Gratidão a Thais Nunes, por aparecer na minha vida no momento em que eu mais precisei e menos esperei, á admiro muito, e me construo com ela, gratidão por aguentar meus surtos no meio da pesquisa.

Obrigada ao bairro da juventude, instituição que tenho grande admiração, em especial Professora Luciana Freitas, pela compreensão e parceria. Obrigada aos professores que agregaram na minha construção ao longo da graduação, sou grata a todos. Um agradecimento em especial a Katiuscia kamo, minha professora e amiga, que esteve comigo e acompanhou a minha evolução ao longo do curso, através de suas aulas que me transformaram. Obrigada por me possibilitar conhecer outro professor incrível. Atencioso e numa fala sutil, faz toda a diferença na pesquisa, e agregou muito valor na minha vida. Eduardo Osorio, meu último agradecimento vai a você, que é paciente, presente, um corpo necessário na minha pesquisa e no momento em que vivo. Agradeço-te pela troca, você é maravilhoso, gratidão imensa.

“

.

.

.

“[...] A exploração de algo que nunca antes exatamente assim vivido, e que nunca mais poderá ser assim experimentado.”

- Richard Schechner

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo refletir possibilidades de diálogo entre o conceito de performatividade na relação professor/aluno no contexto que se inserem na aula de artes. Pretendo construir essa reflexão a partir do corpo do professor de artes nas suas aulas, através de experiências acadêmicas com o projeto PIBID, estágios obrigatórios e o não obrigatório, numa conversa com dois dos professores supervisores desses projetos. Trazendo as questões problema: Que corpo é esse que atua na aula de artes? Como olhar para as situações cotidianas da vida em sala de aula, e pensar a forma que nós, professores de artes, vamos nos inserir no contexto de cada turma? Ao encarar a problemática do corpo do professor na aula de artes, buscarei apontar algumas possibilidades de como podemos, nós professores, nos inserir na realidade dos alunos. Para dialogar com essas questões trago no referencial teórico os seguintes conceitos: performatividade, do estudioso Richard Schechner o qual uso para pensar esse processo da relação entre professor, aluno e o contexto que se inserem. Trago também o conceito de experiência, de Jorge Larrosa, para falar sobre as minhas vivências. Esse conceito é muito importante para minha pesquisa, pois é através dele que me questiono e pesquiso. O trabalho encontra-se na linha de pesquisa “Arte e Educação” do curso de Artes Visuais, com uma abordagem cartográfica e autobiográfica. A partir das reflexões que esta pesquisa levanta, foi possível reconhecer que há um processo singular com o professor de artes em cada contexto em que ele se insere: o desafio de lidar com seu corpo de forma a se adaptar a situações cotidianas da vida em sala de aula.

Palavras-chave: Corpo; Performatividade; Experiência; Professor de Artes.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem <i>Assim, a sim!</i>	06
Imagem <i>Olhar</i>	12
Imagem <i>Possibilidades</i>	20
Imagem <i>Quem ela é?</i>	33
Imagem <i>Momentos</i>	51
Imagem <i>Afetos</i>	63

LISTA DE POESIAS

Poesia <i>Assim, a sim!</i>	05
Poesia <i>Olhar</i>	11
Poesia <i>Possibilidades</i>	18
Poesia <i>Quem ela é?</i>	32
Poesia <i>Momentos</i>	50
Poesia <i>Afetos</i>	62

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
CEIM	Centro de Educação Infantil Municipal
EMEIEF	Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 ESTUDO SOBRE PERFORMATIVIDADE.....	18
2.3 OLHANDO PARA A PERFORMATIVIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR.....	26
3 QUEM EU SOU? DA ONDE EU VENHO? MINHAS BAGAGENS.....	32
3.1 O PROJETO PIBID: UM COLETIVO DE CORPOS VALORIZANDO A INICIAÇÃO DOCENTE.....	38
3.2 ESTÁGIO I: A REALIDADE DOS CORPOS NO CONTEXTO ESCOLAR VIVIDA PELA PRIMEIRA VEZ.....	41
3.3 ESTÁGIO II: OS CORPOS E AS DIFERENTES REALIDADES QUE PERMEIAM NA SOCIEDADE.....	44
3.4 ESTÁGIO III: CORPOS EXPRESSIVOS EM UM DIÁLOGO ENTRE O EU E O OUTRO.....	46
3.5 ESTAGIO NÃO OBRIGATÓRIO: O AFETO QUE ME AFETO.....	47
4 O CORPO DOCENTE.....	50
4.1 O CORPO INSERIDO NA FORMAÇÃO DOCENTE.....	55
5 PROJETO DE CURSO.....	58
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS.....	66
APÊNDICES.....	67
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES.....	68
ANEXO (S).....	69
ANEXO A - AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA PROFESSOR MARTOSO.....	70
ANEXO B - AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA PROFESSORA JULIANA.....	71

1. INTRODUÇÃO

POESIA – OLHAR

Olhar que diz...

Que a vida é mais do que

Entrar e sair de cena,

Para nos tornar precisamos ser!

Nascemos e nos tornamos nós,

Num laço percebemos

Que formamos um só.

Assim me faço presente

Nas situações mais

Questionáveis da sociedade,

Onde alguém me pergunta,

A educação é a única forma

De transformação?

E sorrindo respondo:

Sabe, é uma perspectiva,

Sim, a educação transforma.

Esse é o meu olhar, o que eu defendo.

Tornei-me resistência, serei resistência,

Até que me provem ao contrário.

IMAGEM – OLHAR



Fonte: Acervo da pesquisadora

A arte na minha vida sempre teve um significado muito intenso. Vivo momentos com a arte que me fazem ter um olhar diferente em relação à sociedade e ao contexto em que me insiro. Na educação, como um corpo de docente, que está atuando na aula de artes, percebo através das minhas experiências que ter a consciência do meu corpo e como ele é inserido no contexto escolar é importante.

Uma bagagem que construí ainda na infância e adolescência, nas escolas onde estudei, através de experiências nas aulas de artes, quando conseguia captar a poesia no corpo de meus professores. Atentos e sensíveis faziam de suas aulas

momentos de criação, muito me envolveu a relação entre conteúdo e experimentação. Hoje vejo que, minhas vivências só significaram porque fazia tanto sentido para meus professores. Eles compartilharam aqueles momentos comigo, transmitindo para dentro de mim a admiração pela arte e o fazer artístico.

O meu grande fascínio pelo teatro é o motivo principal que estou aqui, a idealização de entrar em cena, a emoção em buscar outros “eus” que me habitam, falar através do meu corpo, são experiências que me satisfazem. Percebi que, foi por meio de uma idealização manipulada pela mídia que havia construído meu entendimento de teatro. Cursar teatro em busca de reconhecimento, presa a ideia de que ser atriz é ser famosa. Quando experimentei o teatro, entrei em cena e subi no palco, compreendi a dedicação no trabalho do ator. Havia uma troca de energia, que foi a experiência mais marcante que tive na vida. Viver experiências com o teatro me faz sentir viva. A relação com o público foi uma descoberta especial, além disso, descobri o meu corpo como instrumento de trabalho, e comecei a estudar a linguagem teatral como uma experiência artística. Comecei a viver o teatro num movimento interno, me reconhecendo através de experimentações (um corpo vivo de sentimentos), me descobrindo como ser humano que sente que deseja e que sonha.

Sempre me vi atuando no cotidiano ao lidar com o público. Lembro-me que minha percepção corporal se desencadeou quando eu ainda era recepcionista no escritório do meu pai. Envolvia-me em ações que, de alguma forma sempre me remeteram a essa sensação de estar em cena. Através dos atendimentos aos clientes, me via atuando em diversas situações. Portanto, vi que a arte ia além, que havia um lugar na sociedade que eu poderia me inserir para fazer reflexões sobre a arte na sociedade, atuando com um público que não é um público de teatro. Percebi que buscar a transformação através da educação pode ser um espetáculo aparte. Houve um momento em que busquei pelo meu espaço no mundo, meu corpo tensionado, unhas sempre roídas, vivendo numa cidade calma demais para o meu corpo inquieto. Percebia que havia temas importantes na sociedade para serem discutidos, eu me sentia deslocada fora dessas discussões, mas também não sabia como me inserir nelas. Encontrei-me na licenciatura, percebo meu corpo hoje mais confortável ao saber que faz parte de uma classe questionadora, que busca através da educação uma ideia de igualdade. Comecei a ter experiências em sala de aula, descobri meus inúmeros “eu’s” representados em situações do dia a dia.

Minha vida acadêmica é marcada pela experiência docente, sempre em contato com projetos referentes à licenciatura. Foi através do projeto PIBID onde tive minha primeira experiência na educação básica, no ano de 2016. Foi quando deixei o corpo de aluna, para exercer o corpo de professora em formação. Um corpo inexperiente e inseguro, mas otimista se construindo através da educação. No semestre seguinte, em 2017, iniciei meu estágio obrigatório I, onde trago em minha bagagem de vivências, uma experiência desafiadora e única. Nos anos de 2017 e 2018 atuei em meus estágios obrigatórios II e III. Atualmente trabalho com crianças de três e quatro anos, sendo auxiliar de sala, no meu estágio não obrigatório.

Costumo chamar essas minhas primeiras vivências de estímulos, pois foi necessário toda essa realidade para meu corpo se perceber no caminho da vida de ser professor. Seguir na docência é o que me move e faz pensar na profissão do ser professor. Afinal, o que é ser professor de artes? É justamente a busca de fazer os alunos refletirem sobre assuntos que permeiam a sociedade, através das discussões e produções, tornando-os cidadãos autênticos e sensíveis. Foi através das minhas experiências, que no meu Trabalho de Conclusão de Curso surgiu o problema de pesquisa: **Quais as possibilidades de reflexões sobre a relação professor/aluno partindo de um diálogo com o conceito de performatividade?**

Para isso trago a seguinte questão norteadora, refletindo sobre o corpo do professor nas aulas de artes: **Como olhar para as situações cotidianas da vida em sala de aula, e pensar a forma que nós, professores de artes, vamos nos inserir no contexto de cada turma?** Ao encarar a problemática do corpo do professor na aula de artes, buscarei apontar algumas possibilidades de como podemos, nós professores, nos inserir na realidade dos alunos. Quando o professor está em formação ou até mesmo na sua formação continuada, após a graduação, tem consciência de que suas aulas são planejadas de acordo com a turma em que está trabalhando, sendo assim, seu trabalho se torna singular. Entretanto, nas escolas em que atuei, houve realidades diferentes umas das outras, que me motivaram a pensar o corpo do professor de artes e o contexto em que se insere que abordarei nas próximas páginas.

Trago essa indagação em minha pesquisa, sobre esse corpo que atua na aula de artes, com o objetivo de **questionar a percepção do corpo do professor de artes, no contexto em que ele se insere, para a aula se tornar significativa para o aluno.** Um dos objetivos específicos da pesquisa é: **Pensar que corpo é**

esse que se transforma para atuar na educação básica desde a educação infantil até o ensino médio? Entendendo que estamos lidando com pessoas, e pessoas são diferentes umas das outras, e é preciso respeitá-las independentemente de serem crianças, adolescentes ou adultos. Um corpo performático, que olha para o contexto em que se insere, observa o cotidiano dos alunos, e se adapta a realidade deles, tem a possibilidade de, partindo dessas reflexões, elaborar aulas que vão estar inseridas na realidade desses alunos.

Neste momento percebo o professor de artes em constante performatividade, mesmo por que esse corpo que atua na aula pode se sentir inseguro, perante a um sistema muitas vezes tecnicista. Um corpo que sofre resistência dos alunos, por falar e reconhecer que a arte é sentida. Mas também capta a singularidade do aluno, expressando nas aulas, seus próprios questionamentos. Através do conceito de performatividade, conceito elaborado a partir da performance, que abordo no próximo capítulo, olho para minha bagagem de experiências como professora em formação. Trago outro objetivo específico da pesquisa a partir de um olhar pessoal para a relação do meu corpo, nas minhas experiências com o corpo dos meus alunos, e o contexto que estamos inseridos, onde me questiono: **Que corpo é esse que atua na aula de artes?**

A pesquisa desenvolve-se tendo como fio condutor dois conceitos: começo com performatividade, através dos estudos de Richard Schechner, e reflito sobre o processo da relação entre o professor, o aluno e o contexto em que se inserem, por meio desse conceito. E experiência, em que Jorge Larrosa ajuda-me a pensar porque os momentos vividos com os meus alunos se tornaram experiência, o que faz da pesquisa singular e também autobiográfica.

Por isso, na pesquisa utilizo uma metodologia cartográfica e autobiográfica. Coloco-me na pesquisa do início ao fim, trazendo as minhas experiências para pensar o corpo do professor nas aulas de artes. A metodologia cartográfica é um caminho que ao percorrer, me perco e me encontro na pesquisa, reflito, tentando responder algumas questões, e essas próprias respostas me questionam mais. Percorro territórios em minha pesquisa onde me inspiro no autor Luciano Costa (2014, p. 67), ele aponta que a cartografia é uma forma singular de pesquisa, pois é no processo que ela acontece. Ela não segue a ideia de início, meio e fim. A cartografia é um caminho

- “De início, uma conversa
- O que é cartografia?
 - É uma ciência geográfica que produz e estuda mapas.
 - Mas mapas de quê?
 - De territórios, ora bolas.
 - De territórios?
 - Sim. De países, cidades, regiões, estados...
 - Mas o que esse papo de geografia tem a ver com o que estou pesquisando?
 - Ora, até onde eu saiba, toda pesquisa trabalha com territórios.
 - Territórios? Hum, não entendi...
 - Sim, territórios. Podemos falar em territórios subjetivos, territórios afetivos, territórios estéticos, territórios políticos, territórios existenciais, territórios desejantes, territórios morais, territórios sociais, territórios históricos, territórios éticos e assim por diante.
 - Hum...
 - Cada saber lida com matérias que não são nada estanques, paradas, e que se caracterizam exclusivamente por serem relacionais, por estabelecerem relações entre si e com o seu meio.
 - E que matérias seriam estas?
 - Trata-se da vida, da subjetividade, de algo que é ao mesmo tempo singular e coletivo, que se faz entre o que é mais íntimo e aquilo que está fora, algo que está sempre em movimento, que nunca é exatamente uma coisa porque está sempre entre.
 - Acho que estou entendendo, embora esteja com uma pulga atrás da orelha...”
- (COSTA, 2014, p. 68)

Trilho caminhos, trago indagações e também, em conversa com dois de meus professores supervisores tive a oportunidade de refletir sobre o corpo do professor nas aulas de artes, partindo de suas experiências em diferentes contextos escolares.

O trabalho encontra-se na linha de pesquisa “Arte e Educação” do curso de Artes Visuais, com uma abordagem cartográfica e autobiográfica. As reflexões que percorre a pesquisa, falam do corpo do professor de artes nas aulas, da importância de perceber o contexto em que o professor se insere, e da poesia que o corpo do professor de artes traz consigo carregado de significados nascidos por meio da convivência com os alunos. Colocando-me na pesquisa, como uma maneira de perceber como é o meu corpo nos diferentes contextos, foi possível reconhecer que há um processo singular que o professor de artes vive. Cada contexto em que ele se insere, leva-o a tornar seu corpo adaptável a situações cotidianas da vida na sala de aula.

2. ESTUDOS SOBRE PERFORMATIVIDADE

POESIA – POSSIBILIDADES!

*A relação que encontro em
Meu corpo e o corpo do outro
É uma sensação, não palpável,
Mas sentida, que faz sentido.
Um encontro especial que
A vida me proporcionou,
Transformou-me em pequenos
Sonhos em construção,
Fazendo-me refletir sobre
Como a vida não é em vão...
Aos poucos me reinvento,
Permito-me sentir!
Vem cá, coloca a mão
No meu coração,
O Coração vibrou, viu só?
Olha, confesso que estou
Curiosa para saber aonde
Isso vai nos levar,
Eu espero que nos leve
Para uma experiência,*

Daquelas que a gente

Vive intensamente.

Minha grande admiração

Já revelou que a licenciatura

Está aqui nas minhas poesias.

Ah, desculpa se eu me entreguei

Assim tão envolvente,

Mas é que pensar meu corpo

Como possibilidade de transformação

Através da educação,

Não tem como não achar

Que a vida é demais.

IMAGEM – POSSIBILIDADES!



Fonte: Acervo da pesquisadora

Minha pesquisa inicia-se a partir de estudos sobre o conceito de performatividade em que olho para as minhas experiências com a perspectiva de que o professor de Artes está em constante performatividade na sua vida cotidiana, através dos contextos em que ele se insere, e da singularidade dos seus alunos. O estudioso que elaborou esse conceito foi Richard Schechner, professor nova-iorquino, um dos iniciadores do programa de estudos de performance, fundou o grupo de teatro experimental em Nova Iorque chamado “The performance group”. Ele pensa a performance em todos os aspectos de nossas vidas. Portanto, para compreendermos a performatividade, devemos reconhecê-la como um estudo que se origina da performance.

A performatividade é um estudo pensado através do conceito de performance. Ela acontece entre (não está “em”, e sim, “entre”) ações de todos os campos de estudos, como na sociologia, na antropologia, na filosofia, nas artes, na física e na ciência. Ela acontece entre essas fragmentações divididas em camadas

de saberes que existem na sociedade, onde se compreende que estamos a todo momento se adaptando a situações, de acordo com cada realidade vivida, pois

Antes dos estudos da performance, os pensadores do ocidente achavam que sabiam exatamente o que era e o que não era 'performance'. Mas, de fato, não existe um limite histórico ou cultural flexível para distinguir o que é ou não é 'performance'. Ao longo do tempo novos gêneros foram somados e outros caíram fora. (SCHECHNER apud MOSTAÇO, 2008, p. 2.)

O que difere ser ou não ser performance é justamente o contexto em que se insere. A performance, segundo Schechner (2008), é um comportamento repetido, que ao repetir-se varia de acordo com o contexto em que está inserido. É possível pensar a performance através dessas ações, onde acontece a performatividade, pois estamos agindo de diferentes maneiras, mesmo que com um comportamento já feito e adaptando-se a diferentes realidades.

Realizar um espetáculo é uma performance: buscar excelência numa peça de teatro ou numa dança, por exemplo, é se expor, repetindo um movimento já conhecido e ensaiado. Entretanto, no momento em que está acontecendo o espetáculo há plateia, um emaranhado de gente respirando. Haverá troca de energias, e cada pessoa vai emanar uma energia; cada pessoa vai sentir diferente, pois cada uma vive um momento diferente na vida. Isso vai influenciar aquele momento. A performance é feita do aqui e do agora. E na vida cotidiana não é diferente, podemos realizar performance em sala de aula, criando estratégias de aulas para os alunos que nos "assistem". Na verdade, a aula é uma troca, o professor ensina, mas aprende muito mais. Sendo assim, o aluno não nos "assiste", ele participa junto daquele momento, que vai depender do contexto em que nos inserimos -professor e aluno para esse momento tornar-se uma experiência e não uma troca de informação.

No contexto escolar em que me insiro hoje, frequentemente me vejo performando, através de contradições entre eu e meus alunos nas minhas ações e reações nas deles. Principalmente através do contexto social em que me insiro, que é diferente do contexto em que meus alunos se inserem, causando-me um choque cultural e social. Influenciando diretamente nas minhas ações cotidianas, pois acontecem situações singulares. Deixe-me contextualizar dando um relato que vivi no mês passado: Na escola em que trabalho, sou responsável pelo movimento de

levar os alunos da educação infantil que chegam no ônibus próprio da escola do estacionamento até suas salas. Portanto tenho acesso a todos os alunos, pois aguardo a chegada no portão geral de entrada e saída. Há uma rotina diária que meus alunos já conhecem, de descer do ônibus e encostar-se ao muro da escola esperando os demais colegas, para então irmos todos juntos para sala.

Estava eu na porta do ônibus quando desceu uma menina, bom, ela não era minha aluna da educação infantil, devia ter 10 anos de idade e estava chorando. Eu a olhei e ao terminar de descer todos os meus alunos, ela estava encostada no muro também, chorando mais do que quando desceu do ônibus, então fui até ela para saber o que havia acontecido e perguntei: - o que aconteceu que você está chorando? Ela me respondeu: - Eu estou com muita dor na minha cabeça. Neste momento o monitor do ônibus veio e me questionou sobre o que estava acontecendo, a menina repetiu chorando que estava com muita dor na cabeça, ele disse: - Vai ao refeitório, toma um café e come umas bolachas. Quando a menina saiu, ele me olhou e disse: - Ela está com fome. Neste momento, meu corpo relaxado, ficou tenso, as minhas sobrancelhas levantaram como se estivesse gritando a minha tristeza em saber daquela situação, meu coração apertou e uma lágrima escorreu lentamente, sem que eu pudesse conter. Meu corpo falou que realmente o nosso contexto é diferente, me adequei àquela realidade, mas foi difícil digerir aquela situação. Quando me insiro nesses contextos sociais de pobreza, olho para a minha condição de professora de artes, como um corpo de docente que necessita se inserir nesse espaço para tentar compreender tais injustiças e trabalhar elas através da arte. Arte que pode possibilitar a esses alunos ao menos a oportunidade de sonhar como eu sonho, desejar como eu desejo. Mesmo que seja difícil não perder a esperança de dias melhores.

É importante estudar sobre a desigualdade que existe em nosso país e falar disso nas aulas de artes, pois a condição social muitas vezes dá privilégios. Onde muitos não têm a mesma oportunidade, por causa dessa desigualdade social. A realidade social que condiciona o pobre a entrar na universidade, por exemplo, não é a mesma condição de quem tem dinheiro para pagar um curso superior, mas isso não compete a um professor de artes, isso é uma realidade social. O que o professor de artes pode procurar fazer é estudar sobre, se inserindo aos poucos na realidade dos seus alunos, e refletir sobre essas questões. É necessário pensar o corpo do professor de artes como um corpo presente, pensante, que é capaz de

mudar o modo como uma criança ou um adolescente encara a realidade da sua vida, e as possibilidades que existem, mesmo com toda a desigualdade que permeia a sociedade.

No capítulo “Fazendo cena, a performatividade”, do livro “sobre performatividade”, Edélcio Mostaço inicia falando que

A maior parte dos seres humanos constrói moradias, dança, cozinha, assiste jogos esportivos, estuda, casa ou descasa, viaja, conta histórias, caça algum animal – ainda que com tubos de aerosol. Do mesmo modo, desempenha papéis sociais: são pais, filhos, tios, avós, cunhados ou sobrinhos, dedicando-se às mais diversas profissões e atividades dentro da Sociedade, conformando uma múltipla e densa rede de interações. O que há em comum em tudo isso é a performance. (2009, p 15)

Nós estamos o tempo todo representando funções que nos são dadas, por isso, pode acontecer a performatividade na vida cotidiana, pois vivemos em sociedade, e somos inúmeros “eu’s” em uma diversidade de momentos. Segundo Richard Schechner (2008) “performances são feitas de porções de comportamento restaurado, mas cada performance é diferente de qualquer outra” (p. 18. Citada no livro “sobre performatividade”). Ou seja, a performance é uma ação que depende do contexto, de cada situação, e o modo como vemos essas situações que revelam a performance. Como olhar para essas situações e pensar a forma que nós, professores de artes, vamos nos inserir no contexto de cada turma que vamos trabalhar? O conceito de performatividade nos oferece um espaço para pensar essas questões. Como perceber as aulas de artes como uma oportunidade de falar com o corpo do outro, desfrutar de encontros de corpos diferentes, e criar cenas para entrelaçar uma troca de experiências? Como aquele momento vivido vai ser singular para o aluno?

Se pensarmos o conceito de performance na vida cotidiana, podemos dizer que toda ação humana é performativa, a rotina é performativa, as ações diárias são também. Para Schechner, todo ato é um comportamento repetido, um conceito de comportamento restaurado que ele estuda.

A performance em termos de comportamento restaurado significa que nunca foi realizada pela primeira vez, mas sempre pela segunda vez e pela enésima vez: um comportamento repetido. (Apud MOSTAÇO, p. 76.)

Cada ação é uma ação única. Diferente da anterior ou da próxima, mesmo que o comportamento seja igual. O que modifica uma ação da outra, é o contexto que ela está naquele momento. A ação é construída no exato momento, por isso nunca é igual à outra. “No horizonte deste paradoxo em que cada performance, mesmo repetida é única, [...] a ação se inscreve na imediatização do presente.” (p 76. Apud MOSTAÇO). Como falar de uma ação repetida, mas ao mesmo tempo singular, em um contexto que não se rejeita nem uma nem outra? A performance não é uma ação julgada como certa ou errada, ela acontece, e mesmo que repetida, ela vai ser vivida de uma forma diferente pelo contexto sociocultural em que está inserida.

Isso faz com que a repetição ou a citação sejam, ao mesmo tempo, cópia e original (simulação), a contextualização na qual ela emerge: contextos sempre diferentes, jamais saturados que fazem com que o significado nunca seja único, mas sempre variável e plural. Todas essas variações garantirão que cada performance seja única a cada vez. (SCHECHNER, Apud MOSTAÇO, p. 77)

O contexto de cada ocasião faz com que tudo seja singular, mesmo que a ação seja exatamente a mesma, cada momento em que acontece é diferente. A singularidade do momento não depende da materialidade, e sim, da interatividade, e é ela que está em constante mudança. A performance que acontece no mundo virtual é diferente da performance que há entre essa relação de professor e aluno que indago na pesquisa, pois a tecnologia nos influencia a fazer determinadas escolhas. No mundo virtual, as imagens são intencionalmente manipuladas para nos impactar. E a performance cotidiana acontece no contexto do momento, tornando-se muito relativa e cheia de alternativas. Na vida cotidiana, essa mudança de contexto, onde está a performatividade, é muito mais presente e real, pois tanto a ação, quanto a recepção da ação vista pelo outro, varia de momento para momento, no instante em que é vivida.

Se performance se trata de uma ação que acontece, a performatividade é o processo dessa ação, ou melhor dizendo, o processo que envolve essa ação.

A performatividade não é um fim em si mesmo, uma realidade concreta ou acabada, mas um processo. [...] A definição de performatividade não fica

menos dependente daquele que é seu objeto de referência: a performance. Para melhor compreender [...] a performance é sempre uma ação, sempre um domínio do “fazer”. Mesmo ser, do ponto de vista da performance, está ligado a um “fazer” ou a um “re-fazer”. A performatividade é marcada pelo princípio de ação (ela é processo mais do que objeto pronto). (MOSTAÇO, 2009, p. 66)

Não se trata apenas do próprio comportamento, como a linguagem corporal, ou a entonação da voz, mas sim da ocasião específica e o contexto que fazem com quem cada caso seja único. O professor, no seu cotidiano de trabalho, convive com diversas situações em relação à singularidade de cada turma em que ele se insere. O que faz pensar na forma como o seu corpo vai significar para esses alunos e como os alunos irão corresponderem, e construir significados.

A percepção corporal que procuro observar por meio das minhas experiências reflete sobre o contexto em que me insiro, acontecendo a performatividade entre meu corpo, e o corpo dos meus alunos. Levando em consideração a singularidade do perfil desses alunos, de diferentes idades, e realidades sociais. O que interfere diretamente nas aulas, onde o corpo necessita se adaptar a diferentes contextos. A questão é como se inserir no contexto desses alunos para que a aula seja interessante e os instigue? Qual a intensidade, no sentido de experiência, do momento vivido com os alunos, para a aula fazer a diferença?

2.1 OLHANDO PARA A PERFORMATIVIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR

O contexto escolar que me refiro é a partir das experiências em meus estágios obrigatórios e meu estágio não obrigatório. É a partir do diálogo entre essas experiências e uma conversa com dois professores supervisores dos meus projetos que passei a refletir sobre questões do corpo que atua na aula de artes. Na conversa com os professores quis saber sobre seu corpo em sala de aula em relação a suas percepções corporais, os questionando sobre o contexto em que se inserem e os que já se inseriram, atuando em escolas públicas e privadas. Elaborei um questionário com perguntas norteadoras para que eles pudessem escrever um relato de experiências seguindo essas questões.

Conversei com dois professores com os quais convivi no projeto PIBID e também atuei com suas turmas nos estágios obrigatórios. Professor no qual sua identificação será Martoso, é formado em Arte educação e atua desde o ano 2000, especificamente em Artes desde 2003. Atualmente trabalha em cinco escolas da rede pública de ensino em Criciúma e região, em turmas da educação infantil ao ensino médio na educação básica. A Professora no qual será identificada com seu nome- Juliana- iniciou na área da educação em 2009, com o curso em nível técnico trabalhando com a educação infantil. Após realizou a graduação em Artes Visuais – Licenciatura na UNESC, transitando pelas diversas faixas etárias.

A possibilidade de pensar a performatividade no contexto escolar começa com a percepção do corpo do professor em sala de aula como uma perspectiva de olhar a aula como um momento singular, pois é no processo da relação entre o corpo do professor e o corpo do aluno que acontece a performatividade.

Considerando isso, questionei: como é o seu corpo em sala de aula? Professor Martoso responde: “Um corpo que sente, que afeta e é afetado pelos ambientes, espaços, rotinas, deslocamentos e, é claro, por outros corpos com os quais tenho contato, direta ou indiretamente.” Na resposta da professora Juliana pude perceber uma percepção corporal mais aguçada: “O meu corpo fala o tempo todo, comunico o tempo todo com expressões, um hábito que utilizo bastante na educação infantil que é engrandecer as falas com gestos para ter a atenção das crianças, estendo aos maiores me movendo na sala movimentando braços e com expressões faciais. Me sinto dramatizando, gosto muito de agitar, fazer surpresas e estreitar cada vez mais as relações com os alunos por meio da interação.”

A forma como os professores responderam a pergunta revela que seus corpos nas aulas são expressivos e afetuosos, havendo trocas entre os corpos. Assim me sinto em minhas experiências, percebo o corpo do professor de artes necessário na educação. Meu corpo nas aulas fala por si, está sempre em movimento, buscando reflexões e trazendo a atenção sempre para a realidade dos alunos.

Uma questão que acho importante a ser pesquisada é o contexto social desses alunos. Existe diferença entre os alunos que estudam em escolas públicas e alunos que estudam em escolas privadas e suas relações corporais com as aulas de artes.

Questionei os professores sobre experiências vividas em escolas públicas e em escolas privadas, vejamos as respostas. Professora Juliana diz: “Tenho experiência somente em escolas públicas. Essa realidade apresenta alguns desafios que nos movem a criar diversas possibilidades de trabalho; a realidade financeira das escolas exige que em muitas produções sejam utilizados materiais reciclados como suporte para as produções artísticas. Compreendo que é muito bom também essa reutilização que promove a educação ambiental, porém não há como negar que o acesso a diversos tipos de materiais de arte é uma maravilha! Cheiro de material novo, adoro! Deixar os alunos experimentarem bons materiais, perceber o estranhamento e o manuseio é muito bom.” Na fala de Juliana percebo que seu corpo é aberto as possibilidades. Porém essa realidade da educação pública assusta, pois há um descaso do governo na maior parte do tempo e isso afeta diretamente o cotidiano do professor. Um corpo que resiste e não desiste usa da criatividade para não perder a esperança tendo sempre como prioridade a educação. Martoso faz uma percepção necessária: “Sim, hoje exclusivamente nas redes públicas de ensino Municipal e Estadual. Transitei na rede privada em duas instituições que primam por uma educação com bases tecnicistas. Declararia que toda experiência profissional é válida. E o maior aprendizado deste período foi à convicção/revelação que meu corpo não encontrou lugar nestas instituições. Mas, sempre que possível procurei aproveitar as brechas, as fendas nestes lugares e vivenciar aprendizagens significativas com algumas das turmas com as quais trabalhei.”

Percebo um corpo deslocado, assim como meu corpo reagiu ao fazer estágio em uma escola privada. Há um contraste muito grande no corpo dos alunos que tendem a ser condicionados na escola privada. Às vezes a reproduzindo formas padronizadas. Sendo assim, o corpo o professor também pode se condicionar. Na escola pública percebo um corpo mais adaptável as situações, tanto o corpo dos alunos quanto do professor.

Através dos contextos em que as escolas se inserem, podemos pensar as diversas situações que o corpo do professor sofre e supera nas situações cotidianas. A questão seguinte é em relação à reação do corpo do professor nessas realidades opostas, como ele sente esse contraste. Professora Juliana disse: “Em algumas escolas no início do ano a recomendação é não sorrir muito para os alunos e nas interações eles respondem hostilidade com hostilidade, cada professor possui um

jeito de lidar e aos poucos é que se constroem as relações, em muitos casos se tornam parceiros, quando são valorizados e inseridos no grupo. Cada turma é uma turma e tem situações que exigem uma rigidez sim, por conta de comportamentos que extrapolam a convivência. Sim, o corpo comunica e também pode se contrair por diversas situações.”

Percebo um corpo se adaptando, mas que nunca estará preparado para todas as situações, como ela mesmo diz que cada turma é uma turma. Percebo que a performatividade está nas relações entre ela e os seus alunos, quando diz que cada professor possui um jeito de lidar. O professor encontra maneiras de lidar com essas relações e todo esse contexto que insere o professor e o aluno é o território em que acontece a performatividade entre esses corpos nas aulas.

Martoso, por sua vez, diz que: “Certamente. O corpo assume posturas distintas em distintos contextos: em lugares nos quais você é um prestador de serviços que atua diretamente com clientes, condiciona seu corpo às expectativas próprias de quem “paga seu salário ao final do mês”. A autoria e o protagonismo docente ao mínimo em estruturas rígidas e mantenedoras da tradição de uma marca, de um padrão. A qualidade perpassa pelo comprometimento de um profissional da educação, pautados por uma postura ética frente aos desafios que a educação oferece. A compreensão de que somos seres inacabados, em constante aprendizagem e a necessária abertura à resignificação e reformulação de conceitos, posturas e práticas docentes, projeta-nos em outra situação, em uma instância. Defendo que o vínculo empregatício é secundário frente a compreensão da dimensão, grandeza e profundidade; do quanto é essencial a profissão docente na organização de uma sociedade. E nossos corpos são eternos projetos: um vir a ser que se faz a medida em que se insere conscientemente nos diversos contextos nos quais e pelos quais transita. Nas interações com outros corpos, dotados cada um de singulares formas de ser, estar, perceber, relacionar-se e transformar micro contextos.” Um corpo que precisa estar dentro de uma condição racional, porém um corpo inacabado, experimentando todas as possibilidades. Consigo ver em sua fala alguns desafios da educação e dificuldades que encontrei em minhas próprias experiências. É difícil tentar compreender a desigualdade social que existe entre um corpo da escola pública e um corpo da escola privada, onde as realidades são diferentes e a condição social que se inserem condiciona a viver num sistema mais tecnicista e menos sensível.

A escola deve ser um lugar que respeita as diferenças e ter a consciência de que a diferença entre as realidades sociais não explicam tudo. Martoso reflete: “Há momentos em que meu corpo propõe contra ponto, em outros a acolhida, às vezes é um corpo que confronta. Um corpo que expõe sempre consciente do papel deste corpo frente aos diversos coletivos nos quais transito. O maior exercício deste corpo tem se constituído em uma escuta atenta e de qualidade dos corpos e movimentos no entorno. Escuta mínima de sons e sim a escuta dos gestos e movimentos sutis e que escapam de seus corpos-interlocutores. Informações que fazem toda a diferença quando acolhidas na justa medida. Quando adentro paisagens nas salas de aula, vejo-as o mínimo possível e as sinto em intensidades que às vezes não desejaria... Mas é inerente ao papel de educador, e este corpo é afetado, provocado, contaminado... Convocado à re-ação. A mediação, a travessia à cidadania e o exercício de pensar e re-pensar necessário aos corpos no espaço do diálogo. Espaço que às vezes instaura-se e, cotidianamente, não é considerado relevante pela maioria dos corpos. Tão habituados ao fast food intelectual, faz de conta, no qual era uma vez e outra, e outra, e outra vez... sei lá.” Exercitar o pensar do corpo do professor de artes e as relações possíveis com as discussões da sociedade é pensar um corpo crítico, que quer fazer diferença na sociedade, através de situações do cotidiano percorrendo territórios.

Percebo que o corpo do professor, que atua na aula de artes, é um corpo atento e instável, sempre em movimentação, para se inserir nos contextos. Através do processo da performatividade questiono os professores: Como é pensar o corpo nas situações diferentes? Ele é sempre o mesmo no cotidiano da sala de aula? Juliana responde: “Não, nunca é o mesmo, são inúmeras situações e reações e um dia abraços apertados, chamadas de atenção, elogios, risadas gostosas, acalento de choro e mediação de conflitos. O corpo em movimento o tempo todo.”

Um corpo performando o tempo inteiro, em construção sempre, professor, aluno e escola, todo o contexto escolar se adaptando. A resposta de Martoso: “Certamente que não. Conforme procurei pontuar ao longo deste relato (e não havia lido as questões, procurei vivenciá-las e refletir sobre as mesmas como um corpo...), os movimentos que envolvem meu corpo, meu ser e os modos de ser no cotidiano das escolas nas quais atuo. E meu corpo é afetado antes de atravessar o portão de entrada da escola, ao passo em que afeta os corpos ao redor. Há uma paisagem que marca o encontro anterior e procuro resgatá-la para o momento inicial

de uma aula: este corpo retoma um ritmo, ou o mais próximo, do que ocorreu anteriormente. E na maioria das vezes ativa as memórias dos corpos estudantis... E no mais, a cartografia própria da aula segue, imprevisível e sempre inacabada.” Na fala dos professores, pensando também nas minhas experiências, percebo corpos inquietos, se construindo com os momentos e as trocas vividas com os alunos, pois há um movimento de percepção do corpo, que é necessário e se faz presente na conversa.

A pesquisa continua com olhar para as minhas experiências, que só se tornaram experiências porque me transformaram. Olhando para o meu corpo de docente, percebo a necessidade da pesquisa para meu autoconhecimento como uma professora em constante performatividade.

3. QUEM EU SOU? DA ONDE EU VENHO? MINHAS BAGAGENS...

POESIA – QUEM ELA É?

Ela, que por vezes

Parece tão séria, na verdade.

É só dar uma trela,

E aí você já viu?!

Ela é muito ela.

Às vezes dramática,

Outras vezes

Num bom humor só!

Mas quem ela é?

Um corpo que

Vê possibilidades,

Cria situações e

Assume responsabilidades.

Corpo que observa,

Corpo que quebra

E se reconstrói

Enfim, transforma-se.

IMAGEM – QUEM ELA É?



Fonte: Acervo da pesquisadora

Eu, Vitória, que com vinte anos vejo minha vida profissional como uma missão, me construo através das experiências que vivo em sala de aula. Essas vivências que trago em minha bagagem esses momentos no qual me formaram como professora de Artes tornaram-me um ser humano mais acessível e menos egoísta a cada momento compartilhado com meus alunos. Percebo o meu olhar para a educação como uma possibilidade de melhorar as minhas relações com a sociedade. Estar nesse espaço, que é a escola, oferece-me a oportunidade de

pensar esse movimento da educação como um meio de transformação. De agregar valor aos aspectos profissionais e pessoais da minha vida, como cidadã que vive em sociedade e lida com a diversidade.

Segundo Jorge Larrosa, em seu texto *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*, “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (2002, p. 21). Minhas experiências são momentos em que compartilhei conhecimento e acima de tudo, pude aprender muito como pessoa. Tornaram-se experiências porque me transformaram, não foram apenas acontecimentos, ou uma troca de informação, são vivências que ao me transpassar me mudaram.

A informação não é experiência, no mundo em que vivemos hoje, o tempo todo há uma necessidade de informação, estamos sendo condicionados a necessidade de nos informar para ter um bom convívio em sociedade. No cotidiano é onde temos contato com inúmeras informações. Quando vamos ao banco, temos de ler as indicações para pegar a senha que nos adéqua, ou quando estamos no trânsito, precisamos estar informados através de placas para não nos perder. Saber de informações para viver em sociedade é necessário, mas o problema do saber da informação é ela virar algo corriqueiro que não nos marca, não nos transforma. Jorge Larrosa diz que,

Depois de assistir a uma aula ou a uma conferência, depois de ter lido ou livro a uma informação, depois de ter feito uma viagem ou de ter visitado uma escola, podemos dizer que sabemos coisas que antes não sabíamos, que temos mais informação sobre alguma coisa; mas, ao mesmo tempo, podemos dizer também que nada nos aconteceu, que nada nos tocou, que com tudo o que aprendemos nada nos sucedeu ou nos aconteceu. (2002, p. 22)

Falar das minhas próprias experiências é olhar para os meus momentos em sala de aula e pensar no que esses momentos agregaram à minha vida. Minha primeira vivência como acadêmica em formação foi no projeto PIBID, onde fui bolsista nos anos de 2016 até 2018. Em paralelo atuei em meus estágios obrigatórios I, com uma turma da educação infantil e uma turma do ensino fundamental I. No meu estágio II, atuei com uma turma de ensino fundamental II, e no estágio III, com uma turma do ensino médio. Sempre em aulas de Artes como professora em formação, e hoje trabalho no estágio não obrigatório, como auxiliar da

professora pedagoga, na educação infantil.

A universidade é um espaço de descobertas, onde se olha para a mesma direção com perspectivas diferentes. Se inserir num espaço onde as pessoas te influenciam a pensar o futuro, como uma forma de chegar aonde você quer chegar, valorizando o processo, que é todo esse caminho necessário de estudar, de aproximar-se de pessoas experientes, e aprender com eles. Segundo Jorge Larrosa,

O sujeito moderno, além de ser um sujeito informado que opina, além de estar permanentemente agitado e em movimento, é um ser que trabalha, quer dizer, que pretende conformar o mundo, tanto o mundo “natural” quanto o mundo “social” e “humano”, tanto a “natureza externa” quanto a “natureza interna”, segundo seu saber, seu poder, e sua vontade.” (2002, p 24)

Por isso, quando entramos para a universidade, queremos estar sempre em movimento, buscando ideias que nos representem e que de alguma forma nos agregue. Procurando melhores condições de trabalho, e de vida, segundo o que cada um busca para si. É importante ter um lugar de fala na universidade para refletir sobre as dificuldades da realidade no mercado de trabalho, o que torna mais acessível para o estudante saber e já ir aprendendo a lidar com elas. Nem tudo o que o professor vive em sala de aula se torna experiência, pois há dificuldades também em lidar com as diversas situações que encontramos no cotidiano do ano letivo.

O que muitas vezes se deixa levar no cotidiano é a rotina de estar em um mesmo contexto há um tempo. Isto de certa forma condiciona a um padrão pré-estabelecido, que por sua vez, não impede que o professor aborde com cada turma que trabalha uma forma diferente de levar esse conteúdo. Essa relação entre professor e aluno é o que me instigou e levou-me a refletir sobre a proximidade entre experiência e performatividade. Pensar de qual forma o professor poderá falar de um assunto específico, tornando-o interessante para o aluno, no contexto em que ele se insere. Não importa se o conteúdo é repetido, afinal é necessário que cada ano, se trabalhe com conteúdos diferentes, para que não haja repetição e que cada faixa etária, possa viver experiências que farão sentido para sua idade. O que o professor tem que pensar é que alguns métodos vão dar certo com algumas turmas e com outras não. Por isso há uma dificuldade em tornar essas experiências significativas, de maneira que transforme o aluno que o toque. A vida cotidiana nos leva a

repetição, os conteúdos são parecidos de um ano para outro, se você trabalha com a mesma faixa etária. O que torna diferente são os alunos com que o professor irá trabalhar nas aulas, e a forma que irá abordar os assuntos. Dessa maneira o professor pode criar possibilidades de fazer os alunos refletirem, transformando a aula em uma experiência. Pois,

A experiência, a possibilidade que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para escutar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2002, p 19)

É importante pensar a relação entre professor e aluno como uma forma de interação de descobertas e troca de experiências. A performatividade não é um processo certo ou errado, e sim um processo que acontece, por meio do contato com o outro, de forma intensa, é o fruto do encontro de dois corpos que ao entrelaçarem-se, enxergam possibilidades. Por isso o corpo performático do professor que atua na aula de artes é fragmentado, é adaptável, ele se insere nos espaços observando a singularidade das pessoas que pertencem a esse contexto, para pensar a aula não só como uma forma de reflexão, mas, sobretudo uma prática, como um corpo, como um encontro de corpos.

A escola é um espaço onde o aluno passa a maior parte de sua infância e adolescência. Se inserir no contexto social da escola é pensar na realidade de vida do aluno que está na aula de arte e a partir disso, entender como devo pensar o meu corpo naquele espaço. Os momentos que divido com os alunos, na medida em que tento compreender o seu contexto social, procuro fazer com que eles pensem além das formas convencionais de acúmulo de informação por meio da aula. Em minhas experiências, atuei em uma escola particular, onde o contexto sócio econômico dos alunos é de classe média alta, em outra escola localizada em zona rural, de um contexto sócio econômico de classe média baixa, até uma no contexto periférico, onde a pobreza abrange a grande parte das famílias dos alunos.

Percebo que ser professor vai muito além do que levar um conteúdo, ou uma informação que no Google está disponível. Ser professor é instigar o aluno a

querer saber, mostrar interesse através da curiosidade em vivenciar. Inquietude é a palavra que o define. Fazer com que os alunos queiram mais a cada aula é uma tarefa difícil, mas o que mais quero como professora é ver os alunos aproveitando as aulas, deixando-me com orgulho de saber o seu interesse, percebendo esses momentos como um caminho de formação de caráter crítico e social.

O aluno precisa desse espaço na escola onde ele possa expor o que sente em relação a aspectos de sua vida. Compreendendo que há uma relação entre o eu e o outro, e perante o seu redor. A minha intenção em trabalhar na aula de arte é causar um olhar diferente para o outro, com sensibilidade, respeito e aceitação.

3.1 O PROJETO PIBID: UM COLETIVO DE CORPOS VALORIZANDO A INICIAÇÃO DOCENTE

O programa institucional de bolsas de iniciação à docência (PIBID) é um projeto do governo federal que tem como finalidade valorizar a carreira da licenciatura, criando um vínculo ainda maior entre a Universidade e a escola através dos acadêmicos. Juntamente com o professor supervisor, são construídas propostas que os bolsistas planejam e participam ajudando na prática de ensino-aprendizagem e garantindo a formação de professores qualificados. No projeto PIBID existem projetos interdisciplinares, no qual permite que os cursos pensem ações para a escola abrangendo todas as disciplinas ou fazendo relação entre algumas. E, também, os subprojetos, que são pensados dentro de cada curso, como o de artes visuais, no qual fui bolsista por dois anos. Entrar para este projeto foi um objetivo desde quando o conheci; busquei muito estar inserida. Meu corpo necessitava se inserir no contexto escolar para se encontrar na licenciatura.

Eu trabalhava em uma empresa e a minha função era fora da área em que estudo, por isso precisaria conciliar estágio com esse trabalho. Eu sabia que o que iria me possibilitar trabalhar na educação era o PIBID. Quando consegui uma oportunidade de participar do projeto foi uma realização. Esforcei-me para viver o que meu corpo tinha vontade, que era trabalhar na educação.

Tive momentos de muito aprendizado no projeto. Um deles, a proposta de atividade “um ser viajante”, que se tornou projeto finalista do prêmio arte na escola cidadã¹. O Prêmio Arte na Escola Cidadã é o maior prêmio de arte-educação do

Brasil, voltado exclusivamente para professores de Arte. A proposta foi com a turma do 5º ano da E.M.E.I.E.F. Ubaldina Rocha Ghedin, que mantém características de escola rural, localizada em Criciúma, na zona periférica da cidade, em meio a uma paisagem natural mesclada com residências, prédios e os desafios inerentes da realidade de muitas famílias no perfil de baixa renda e vulnerabilidade social.

No segundo semestre de 2016 construímos essa experiência, quando nosso grupo de quatro acadêmicos em formação, juntamente com o professor supervisor elaborou a proposta. Na turma de dezesseis alunos, percebemos o desafio de se desenvolver uma aprendizagem mais significativa: as crianças demonstravam bom interesse e correspondência na aula, mas tinham dificuldades pontuais de relacionamento, corpos agressivos no tratamento uns com os outros em situações da sala de aula. A proposta nasceu do estudo do material educativo da Bienal de Arte de SP/2016, e buscava criar projeto/ações pedagógicas com a arte contemporânea na sala de aula. Foi um momento no café do grupo que surgiu a ideia da atividade “ser viajante” através de uma experiência que uma das *pibidianas* teve em relação a um trabalho da universidade. A *pibidiana* contando sobre o “ser” (espécie de personagem) que ele ficava certo tempo com cada aluno e deveria registrar a sua interação com o ser interagindo no seu cotidiano. A ideia foi (re)significar a proposta para o nosso contexto, tendo como referência o artista Belga Francis Alys e algumas de suas produções em um percurso educativo pautado na cartografia. O “ser viajante” foi construído após algumas especulações sobre vida fora do nosso planeta, onde o professor contou uma história aos alunos a respeito de um “ser” que após uma longa viagem perdeu sua memória no momento em que seu transporte se chocou com nosso planeta. E que seria necessário recuperar/reconstituir/reconstruir a sua identidade, mas para isso necessitaria do nosso auxílio: alunos e familiares, *pibidianos* e funcionários da escola. O desafio foi lançado e aceito imediatamente pelos alunos, foi onde eles desenhavam como era esse “ser”, através da imaginação que tiveram com a história. Dos croquis que deram corporeidade ao “ser” no início, às ideias de roupas e detalhes. Na bolsa e no diário que acompanharam Etevalda (nome escolhido em votação). Os registros fotográficos e em vídeo de momentos das aulas, das constantes interações e ações dos próprios alunos, usando da tecnologia no grupo de WhatsApp (escolhido pelos alunos) para hospedar o grupo e o diário digital do “ser”. Envolvendo a turma em um jogo/brinquedo com o “ser”, trabalhando diretamente na formação de atitudes

colaborativas, amenizando a resistências que marcavam a turma inicialmente. Etevalda foi transitando e (re)constituindo sua identidade de maneira coletiva. Nas rodas de conversa que aconteciam no início ou no final de cada encontro, eram compartilhadas as ações e os trajetos de Etevalda.

Através do projeto, começamos a reconstruir os corpos dos próprios alunos daquele contexto, entendendo um pouco da vida de cada pessoa que transitou com Etevalda, deixando um pouco de si e levando um pouco do outro. Fazendo com que um corpo respeitasse a singularidade do outro, revelando mudança nas relações. Por tratar-se de um grupo atuando nas ações conseguimos nos aproximar dos alunos e ouvi-los, corpos que se inserem nos contextos. E as transformações nas relações foram evidenciando-se, por se tratar de uma produção coletiva. O “ser viajante” proporcionou o protagonismo daqueles corpos que devem viver na escola, momentos de aprendizagens e construção de identidade. Da (re)construção coletiva de uma identidade ao conhecimento da arte contemporânea na sala de aula. Corpos reconstruídos juntos com Etevalda, tendo perceptíveis mudanças nas atitudes de uns com os outros e com a aprendizagem.

Nas produções de Francis Alÿs há um anseio por um mundo mais colaborativo no qual as mudanças dependem essencialmente das pessoas. Etevalda aproximou universos tão próximos - e antes tão distantes – colhendo um pouco de cada um. Tornou-se experiência, transformando-me num corpo mais atento aos afetos. Aproximou-me da realidade dos alunos, me fazendo perceber o quão necessário que é conhecer o contexto em que os alunos se inserem para haver mudança. O que me faz lembrar-me de como é a relação do meu corpo e a arte contemporânea. Um corpo pulsante, vibrante, significativo, que atravessa e é atravessado pelas experiências vividas. Estar no PIBID sempre foi momentos de construção e trocas, entre abraços e vivências, construiu-me e significou a minha escolha da profissão de ser professora.

3.2 ESTÁGIO I: A REALIDADE DOS CORPOS NO CONTEXTO ESCOLAR VIVIDA PELA PRIMEIRA VEZ

“Desconstruindo através da imaginação” foi o primeiro projeto de estágio I, realizado na educação infantil, com uma turma de 24 alunos entre 03 anos e 09 meses e 04 anos de idade. Esse projeto foi o primeiro contato com a educação

infantil.

Um corpo inexperiente, nunca havia nem pensado como era esse mundo das crianças na licenciatura. Corpo tencionado com a situação de não conhecer a escola, pegar o ônibus para um lugar desconhecido foi o primeiro desafio. Percorrendo mais ou menos 30 minutos até chegar ao CEIM Santana Dagostim, percebia meu olhar atento a cada pessoa que passava por mim, as pessoas ao meu redor; minhas mãos suavam. Mas sabia que ao chegar ao CEIM me esperava a professora Juliana.

Ela estava sempre muito sorridente e empolgada com o meu estágio, e o meu corpo sem disfarçar o medo e a insegurança, sorria nervoso. Uma nova experiência vinha por aí e meu corpo não podia mais desistir. Era momento de enfrentar minhas próprias inseguranças, pois iria atuar em uma turma de crianças de 03 e 04 anos. Sempre muito agitados, corpos inquietos na minha frente, e eu só queria que aquele momento passasse, eu não sabia lidar com todos aqueles movimentos corporais chamando minha atenção. Foi um momento de decisões na minha carreira profissional e de muitas dúvidas.

Nas aulas de observação, o plano de aula da Professora Juliana foi trabalhar com o tema “dramaturgia”, partindo da história clássica “os três porquinhos”. Ela pensou esse tema da seguinte maneira: contar a história “os três porquinhos” de maneiras diferentes, com a intenção de fazer com que eles trabalhassem a encenação em um determinado momento, como se fosse dar uma prévia para então chegar à aula em que eles iriam “atuar”. A professora contou a história em um painel feito de caixa de papelão.

Todos os personagens e objetos da história eram apresentados num palito de picolé: as casas, os porquinhos, o lobo mau, etc. Após a professora contar a história, ela propôs uma atividade de recorte, em que os alunos tinham que recortar e colar na folha que entregou com o desenho de três casas. Sentia o corpo das crianças seguro com a presença da professora, e ela, confiante nas suas propostas, caminhava pela sala conversando com eles e os escutando sempre. Ela prendia a atenção deles facilmente, por tornar a aula diferente, e com muitos aprendizados. Numa fala da professora, que me chamou atenção, conversando sobre a realidade da educação infantil, ela me disse que os alunos são o princípio de tudo. O professor só é professor porque existem os alunos, portanto, ela precisa ver o retorno e procura observar as reações das crianças em suas aulas, se adaptando

aos contextos que eles expressam. Foi um momento de aprendizado constante com a professora Juliana me supervisionando, sabendo da minha inexperiência, uma mulher com um corpo presente, de quem sabe o que faz me passava total segurança.

Na atuação do meu projeto, um corpo despreparado, mas confiante me fez ver que talvez a licenciatura fosse o meu lugar, mesmo sabendo que era uma realidade difícil. Mas também meu corpo era pessimista, não conseguia captar a poesia daquele espaço, que é a educação infantil, um espaço singular na educação básica. Trabalhar com crianças é um mundo inusitado, diferente, pois a criança carrega consigo uma singularidade que para a vida adulta é difícil compreender. As aulas aconteceram através da linguagem do teatro em vara, trabalhando a contação de história contextualizando a cultura brasileira a partir do folclore, e tendo como referência a artista Tarsila do Amaral com a sua obra “Cuca”. É muito relativo às respostas que os alunos vão te dar durante a aula. Eu achava que eu conseguia dominar todas as situações possíveis que poderiam acontecer, mas a aula não é uma receita pronta. Quando me percebo hoje, vejo o quanto meu corpo se adaptou ao mundo deles.

Compreendi que a ideia de teatro na educação infantil era mais complexa do que imaginava. Percebi que as crianças gostam de coisas simples, de mistério, surpresas, de ouvir o que eles têm a dizer. Um corpo que muito mais escuta do que fala, e a partir do que escuta, conversa naquela linguagem e usa muita imaginação e criatividade.

Em paralelo ao projeto da educação infantil, atuei também com uma turma de 4º ano do ensino fundamental I, com 32 alunos, na EMEIEF Ubaldina Rocha Ghedin.

Nas aulas de observação, o tema foi o “mosquito da dengue”, dado pela prefeitura para as escolas abordarem. A proposta para os alunos do 4º ano foi fazer numa folha, depois de terem visto slides e ouvido a professora Isabel explicar sobre a doença, o vírus, os sintomas etc. criarem uma história em quadrinhos, com base em um vídeo de animação que a professora passou para eles. Uma turma de 32 corpos inquietos, o tempo todo querendo chamar minha atenção, que estava lá para observá-los. Lembro-me da dificuldade que tive de chamar atenção dos alunos em minhas atuações, mas também descobri que meu corpo ficava inseguro quando eles paravam para me escutar. Momentos curtos com os alunos, mas produtivos. Corpos

presentes, que queriam participar daquele momento comigo, intensos. Curiosos para saber o que íamos jogar, pois meu projeto intitulado “jogos teatrais na educação: Ampliando o olhar para a expressão corporal na infância”. Eu já havia comentado sobre o seu processo de construção com a turma. Meu corpo confortável trabalhando jogos teatrais, contextualizando com o artista Vik Muniz, que faz seus trabalhos com materiais alternativos, como restos de lixo. Possibilitando através do trabalho com retrato e autorretrato aos alunos a enxergarem o outro que está ao seu redor. Essa experiência foi linda, no sentido de que os alunos participaram, e também pelo contexto escolar. Pois a escola em que estudei na minha época estudantil é parecida, fazendo-me perceber um corpo que já viveu num lugar parecido, sentia-me confortável, mesmo sabendo que são contextos diferentes e agora meu corpo é de professora em formação. Meu corpo consegue captar a poesia nesses lugares onde a situação socioeconômica dos alunos não é o que prevalece, revela que é um lugar onde meu corpo gosta de habitar.

Viver a realidade do contexto escolar pela primeira vez através dessas experiências me trouxe muitas lições, pude conhecer-me profissionalmente, aprendendo a lidar com as situações que a realidade escolar me proporciona. Sem dúvida que meu corpo se insere nesse contexto porque acredito que a educação é uma forma de transformação. Meu corpo sorri inteiro ao fazer parte disso, e de alguma maneira contribuir com a construção de pessoas mais críticas através da arte. O ser professor se faz de esperança e humildade, esperança para nunca desistir perante a difícil realidade, e humildade para conseguir ver nos pequenos detalhes a essência da docência.

3.3 ESTÁGIO II: OS CORPOS E AS DIFERENTES REALIDADES QUE PERMEIAM NA SOCIEDADE

O projeto de estágio II, intitulado “grafitando na aula de artes” foi uma experiência que pude viver o extremo das realidades diferentes que permeiam a sociedade. A turma escolhida para atuar foi o 6º ano do colégio UNESC. A escola é particular, e foi por esse motivo que a escolhi para estagiar. Queria contrapor as realidades do estágio I e de todas as experiências que tive em escolas públicas com o Projeto PIBID, com as desse projeto, pois trariam reflexões de duas realidades completamente diferentes. O espaço escolar é em conjunto com a UNESC, então a

escola dispõem dos materiais necessários, desde os materiais básicos como lápis, folhas, tintas, até sala de teatro, sala de dança, laboratórios de pesquisa, etc. O contexto escolar é rico em equipamentos e estrutura para se tornar o mais acessível e prático possível. Os recados da escola para os pais dos alunos e até mesmo as tarefas são atualizadas através do sistema AVA, que é o mesmo da graduação. A estrutura das salas de aulas é completa, todas elas têm ar condicionado, data show, computador, armário, tudo muito mais acessível. Ao iniciar as aulas de observação já percebi corpos atentos, espertos, principalmente relacionados à redes sociais. O que fez perceber-me o meu corpo desatualizado naquele contexto.

A intenção do projeto foi levar o grafite como arte que faz parte do cotidiano deles, o que muitos não conheciam mesmo nas paredes da UNESC. Falar de um artista local e contemporâneo, o que acho de extrema importância nas aulas de arte. O objetivo do projeto era possibilitar aos alunos compreender a arte do grafite, sua história e a importância na sociedade, arte essa que traz muitas reflexões acerca do contexto social que vivemos.

As aulas de atuação foram processos onde observei muitos detalhes do cotidiano que condicionam o aluno, o projeto foi um resultado conjunto das aulas. Em vários aspectos consegui perceber que a compreensão dos alunos em relação ao conteúdo, através das escritas. Percebi corpos atentos, e que produzem muito. Corpos criativos, mas que preferem reproduzir, pois não se permitem sentir.

Meu corpo nesse contexto se sente insensível. Sinto que nessa experiência em escola particular as crianças são muito condicionadas. Corpos que necessitam ser atualizados de informação o tempo todo, por ter que crescer com a intenção de precisarem se tornar alguém bem-sucedido na vida adulta. Dando a sensação de corpos insensíveis ao fazer artístico. Digo isso também por uma cena que aconteceu na aula, onde o professor pediu um espaço/tempo da minha aula para fazer a entrega de uns personagens que eles haviam feito com materiais alternativos. Os alunos após receber seu personagem, foram até o lixo da sala e jogaram fora os trabalhos. Meu corpo neutro, observando a cena, percebeu que apenas uma aluna quase resistiu, e até ia levar seu personagem pra casa, mas resolveu jogar no lixo ali mesmo. Meu corpo não acreditou, meus ombros baixaram. O professor tinha ido levar os materiais que não havia usado no depósito, quando ele voltou levei ele até o lixo e mostrei os trabalhos dos alunos, foi quando ele me disse: Ah, eles sempre fazem isso, não levam nada dos seus trabalhos para casa. E

foi a partir dessa situação, que comecei a pensar a singularidade da aula do professor de artes, dando início a essa pesquisa. Questionando-me as realidades dos lugares que eu havia trabalhado, e quais suas peculiaridades.

A experiência do estágio é sempre um aprendizado. Essa experiência me possibilitou ver que nem todas as pessoas são sensíveis a arte, e tem a mesma perspectiva de olhar para ela como eu tenho. Um corpo que talvez por isso tenha se sentido deslocado, mas que mesmo assim, esteve aberto a novas experiências. Isso é o que realmente me faz pensar que estou em constante performatividade. Ter a possibilidade de tantas vivências diferentes, e conseguir captar aprendizados em todas elas.

3.4 ESTÁGIO III: CORPOS EXPRESSIVOS EM UM DIÁLOGO ENTRE O EU E O OUTRO

Acredito que realizar estágio é sempre uma oportunidade de crescimento, é muito mais aprender do que ensinar. Há uma troca valiosa que faz com que a formação do professor além de ser significativa, olhe diretamente para a realidade da profissão. O projeto do estágio III intitulado “Dança e expressão corporal: Dialogando entre o eu e o outro” teve como objetivo elaborado através da questão problema observado na turma, que foi a interação e socialização dos alunos uns com os outros. Desde quando fui às aulas de observação presenciei a distância de corpos, a falta de diálogo entre os alunos. A turma que trabalhei o projeto foi uma turma de 1º ano do ensino médio. A escola em que o contexto social é classe média baixa, onde percebi corpos receptivos com o meu corpo presente, nos conectando.

Após perceber o interesse dos alunos em protagonizar situações (até houve um pedido deles nas aulas de observação que eu trabalhasse dança). Pensei em uma proposta com movimentos corporais para sincronizar a turma. No projeto foi trabalhada a dança e a expressão corporal. Nas aulas de atuação meu corpo estava confortável numa relação de igualdade com os alunos, pois eles participavam das aulas. Os momentos compartilhados com eles eram sempre de muito aprendizado. Meu corpo se surpreendeu com o processo e a busca do sensível através da dança daqueles corpos em movimento.

No primeiro dia de atuação comentei com os alunos de uma caixinha que eu iria levar, seria o feedback das nossas aulas, onde eles iriam escrever uma frase,

uma música ou um desenho ao final da aula, que tivesse relação com a experiência que eles tiveram. Foi através dessas falas que meu corpo se surpreendeu com o resultado do projeto, mesmo havendo algumas ausências na turma. A forma como os alunos socializaram, foi o que me despertou para analisar que meu corpo sorri mais quando vê a mudança acontecer no cotidiano, com as atitudes de interação e simplicidade. Uma aluna disse: “Adorei a aula, gostei de movimentar meu corpo, de interagir com todos da sala, você é uma ótima professora, sorte nossa e dos teus futuros alunos.” Outro aluno escreveu: “Amei a aula, gosto muito de dançar. Mas nunca pensei que iria criar uma coreografia assim tão rápida.” Outro aluno disse: “A aula foi ótima, teve bastante interação da sala, todos os três grupos criaram suas coreografias e apresentamos. Um grupo passou as coreografias para os outros, resumindo, foi divertido.” Eu sempre percebi na fala que eles mesmos percebiam a falta de socialização da turma, e que o projeto estava fazendo a diferença. A cada aula, meu corpo saía satisfeito e muito feliz com todo o processo. Comentei com eles na última aula que estava feliz ao concluir o meu estágio com todos os alunos abraçando as propostas, e participando delas comigo. Quando cheguei em casa, na caixinha estavam muitos objetivos alcançados através da fala dos alunos, que fez com que meu corpo se transformasse, buscando a conexão entre meu corpo e mente, através de movimentos corporais que comecei me dedicando para as aulas do estágio. Um aluno escreveu: “Adorei muito, passei muita vergonha também kk... Mas achei super legal a ideia de trazer uma coreografia para nos expressarmos. Gostaria de ter mais aulas assim, divertidas, mas desejo muita sorte no seu futuro, lembrarei sempre dessas aulas.” O outro aluno: “Você é uma ótima professora, achei o estágio muito cool! Bastante interativo. Você tem muito talento no que faz!” E por fim, o aluno que escreveu: “Aula muito legal, pena que está no final, gostei muito, de verdade! De todas as aulas, muito obrigada por essas aulas.” Respondendo ele, e a essa experiência que tive: “Meu corpo é quem agradece por poder compartilhar esses momentos através da arte, me formando um ser humano, a cada experiência, mais humilde, feliz, e realizada.”

3.5 ESTÁGIO NÃO OBRIGATÓRIO: O AFETO QUE ME AFETOU

Quando eu penso no contexto em que meu corpo se insere hoje, na escola em que trabalho, vejo o quanto é necessário falar da desigualdade que existe

na sociedade. Há questões sociais no Brasil hoje que me assustam e fazem-me refletir: Que país nós queremos? Acessei a uma informação através do catálogo SESC: Palco Giratório, circuito nacional 2018, ele apresenta que: embora um país tão plural, como é considerado o nosso, é o que possui a maior taxa de ~~homicídios~~ a jovens negros: a cada 100 pessoas assassinadas no Brasil, 70 são negras. É o que o que possui 2,8 milhões de crianças ~~fora da escola~~. E aí eu me questiono: Qual o lugar da arte dentro desse contexto social?

Percebo a mudança no meu corpo, constantemente, a cada situação que vivencio no bairro da juventude. Ele soa frio, e se arrepia ao mesmo tempo, quando um aluno chega num dia frio de chinelos. Minhas pernas adormecem quando meus alunos colhem flores nas paradas do ônibus e levam para mim. Eles me ensinam a ser um ser humano melhor a cada manhã; meus olhos brilham. A instituição “Bairro da juventude” surgiu na minha vida por acaso, foi o acaso mais lindo, porque eu sou apaixonada por aquele lugar e por aquelas crianças.

O bairro da juventude é uma instituição filantrópica localizada na cidade de Criciúma, que atende em período integral 1,5 mil crianças, adolescentes e jovens em risco de vulnerabilidade social. Costumo dizer que o bairro foi “o afeto que me afetou”, pois foi através da vivência naquele lugar e com aquelas crianças que me fez perceber que a vida é muito mais do que entrar e sair de cena, que para nos tornar nós precisamos ser.

Quero ser a professora que faz diferença na vida dessas crianças, que através das minhas experiências, eles também experimentem e reflitam. Mas como meu corpo se insere nesse contexto social? Meu corpo resistente, muitas vezes sofre pressão ao conviver diariamente sabendo que a maioria das famílias dessas crianças, não tem nem o básico para sobreviver.

Eu olho dentro do olho deles, eu dou abraços, nossos corpos se entrelaçam. Faço essa aproximação para tentar compreender o contexto em que essas crianças vivem, percebo as ausências, os escuto, procuro olhar para eles como pessoas que estão em construção, sem julgamentos. Sei o quanto é importante eu olhar para eles dessa forma, pois é o que talvez falte, ver como eles enxergam. Trazer um olhar diferente para eles através de ações cotidianas, estimulando as crianças a se construírem em relação com a realidade deles e mostrando uma forma diferente de encarar essa realidade.

Percebo em meu papel como professor que ensinar vai além de uma

reprodução de conhecimento, é reflexão e acima de tudo experiência. É olhar para o contexto escolar em que me insiro e procurar fazer com que meu corpo se adapte a essa realidade. O papel do professor é ir além do comprometimento de ensinar, é saber que a escola é um espaço de criação de identidade, a começar pelo professor.

O cenário de vida dessas crianças é difícil e há muitos obstáculos quando resolvo trabalhar nesse contexto, mas meu corpo acima de tudo se coloca no lugar do outro e nunca são perfeitos os dias. As situações do cotidiano na sala de aula são diversas, vai de elogios a crises de estresse, mas independente disso, é um momento de construção. O relato da professora Juliana me fez refletir o que é a docência, onde ela diz: “A docência se constrói a cada dia nas ações pedagógicas desenvolvidas juntamente com os alunos, chamo a sala de aula de um verdadeiro laboratório de pesquisa, é no cotidiano e na relação com os saberes, percepções e escuta é que se percebe as ressonâncias do ensino. A sala de aula é hoje um espaço de criação, os desdobramentos de várias propostas surgem constantemente durante as aulas, a partir das inquietações dos alunos e das minhas próprias inquietações.” É importante também, pensar no crescimento que essas situações me proporcionam. Olhar para uma realidade totalmente diferente da que eu vivo, e me dar possibilidade de enxergar o que não se é visto.

O diferencial do bairro da juventude é que a instituição tem estrutura suficiente para lidar com essas situações e sempre poder ajudar os alunos, seja com auxílio material ou auxílio assistencial. Um corpo que se insere nesse contexto e precisa ter a noção que a realidade dessas crianças é ruim e difícil, mas que é necessário ter corpos que pensam para e por elas. É assim que enxergo meu corpo nesse contexto, um corpo que pode fazer a diferença nas atitudes cotidianas, no respeito por elas e pelas suas famílias, e acima de tudo, respeitando sua história e sua condição vulnerável na sociedade.

4. O CORPO DOCENTE

POESIA – MOMENTOS!

*São tempos difíceis para a sociedade
Que se atreve em perpetuar a desigualdade.
É tão difícil digerir todo esse contexto
Que de repente paro e escrevo...
Para poder falar da dor que eu sinto.
Um movimento meu, de não gostar de se expor,
Ficou lá atrás com a situação que nosso país se encontra.
Quando eu fico nervosa, minha boca conversa muito,
Questionando-me sobre muitas coisas sem respostas...
É que eu sou gente como qualquer gente, que ri e sente,
Por isso resolvi me dar essa chance,
Talvez um tempo que eu deva olhar mais dentro,
Não um tempo de multidão, tempo meu para cuidar
De cada pedacinho do meu corpo, um tempo de libertação.
Eu quero descobrir uma resposta que venha do coração,
E revele que o que eu sinto faz sentido.
Atirei na oportunidade e foi certo,
Precisava desse tempo para me encontrar.
Uma jovem com um pouco de autoconfiança vai longe sim,*

*Faço-me de esperança, de tempos melhores para a sociedade,
Sou tipo de gente que pensa e sonha com grandes coisas...*

IMAGEM – MOMENTOS!



Fonte: Acervo da pesquisadora

A minha relação com o meu corpo hoje é profunda e significa muito. Ampliei o meu olhar após me tornar estudante das artes cênicas, pois o corpo é o instrumento de trabalho do ator. Você precisa ter conhecimento do seu corpo, do seu ritmo e do seu tempo para se sentir bem com o propósito de atuar. Quando você entende que as emoções que seu corpo expressa vão além de uma arte específica, e isso ampliando seu repertório corporal. Se você compreende o seu corpo, você consegue atuar, você consegue dançar, você consegue conversar ou cantar, e isso

tem a ver com a sua relação com o seu corpo, o entendimento do quão importante é saber lidar com a sua expressão corporal.

Expor o que é a arte no meu olhar é pensar uma relação que me permite significar o que eu vejo através dela, ter um olhar para as pessoas com mais sensibilidade e empatia. A linha entre a razão e a emoção, é delicada e sensível. Não há separação entre elas, mas há uma reflexão do que devemos saber sobre como relacionar corpo e mente, em conexão. Nós tendemos a fazer a separação entre corpo e mente, porque é difícil a compreensão que todos somos um. Mas é através dessa ligação que acontece a revelação: O corpo reproduz o que alma expressa, e o que muitas vezes tentamos esconder, se revela. Somos uma conexão do nosso cérebro com o resto do nosso corpo, isso significa que tudo o que pensamos, talvez não falamos com a boca, mas o nosso corpo fala, porque não somos duas coisas, se não um só corpo, que age conforme pensa. A verdade é que o corpo é quem protagoniza esse processo entre alma e arte, fazendo-se presente nas mais ousadas aulas de artes, onde eu paro e me pergunto: Que corpo é esse que dobra e revira, refaz e se molda a partir de cada situação vivenciada?

Esse corpo docente a que me refiro, busca um ensinar que vai além de uma reprodução de conhecimento, é reflexão e acima de tudo experiência. E olhar para o contexto em que se insere e perceber as ausências, as faltas, perceber a escola como grupos de pessoas que estão em construção. Ir além do comprometimento de ensinar, é saber que a escola é um espaço de criação de identidade. Segundo Machado e Monteiro

O indivíduo desenvolve sua identidade de acordo com as experiências vivenciadas no seu dia a dia, e a principal fase em que esses traços começam a se tornar características pessoais é na adolescência, porém desde a infância isso já está em construção. (2016, p. 02)

A ocasião é quem diz se o movimento é espontâneo ou ensaiado, pois a espontaneidade age mais rápido do que o próprio pensamento, por isso, quem não se expõe ao “ridículo” do movimento não condicionado, aquele que não é pensado, não se aproxima do extraordinário de ter a experiência de viver aquele momento uma só vez. A performatividade é esse processo no qual está em constante ação e reação. São movimentos já criados, mas que a todo momento que você se percebe

fazendo/produzindo, cada ação é feita de maneira diferente. A performance e a performatividade estão em todos os lugares, desde o cotidiano de nossas vidas, até na arte. É esse movimento que eu tenho observado através das minhas experiências, quando meu corpo se adapta a situações do meu dia a dia.

Quando percebo me questionando a rotina de vida que tenho, vejo que meu corpo é performático, ele se insere nos contextos. Por exemplo, ao acordar, sei que todos os dias tenho um papel a exercer na escola onde faço estágio, chego lá, estou lidando com o meu “eu” professora, mas ao mesmo tempo eu sou filha, sou amiga, sou mulher, sou forte, tenho meus medos, sou insegura, e etc..13h, ao sair da escola, não estou mais nessa condição naquele momento de ser professora, porém não deixo de ser, apenas mudei a minha condição no momento em que vou para minha casa, agora sou mulher independente, preciso dar conta dos meus estudos, e lidar com a condição de morar sozinha, entre arrumar a casa, e outras coisas que uma mulher independente faz. As 19h, ao ir para a universidade, sou uma aluna, invertendo totalmente o papel do qual acordei para exercer. Assim, em meu cotidiano, meu corpo performático se adaptou a todas essas situações que correspondem ao que estou vivendo no momento. E ainda que eu esteja na escola na condição de professora, tenho a consciência que sou um ser humano, e há algumas situações em que me questiono sobre a minha condição de ser professora, que lido com um contexto diferente do meu, e meu corpo se adapta a isso, eu lidei com muitos “eu’s” durante um dia comum.

Nesse âmbito, o comportamento restaurado remete aos inúmeros “eus” que cada um alberga dentro de si, com distintas funções, como age em diferentes situações ou diante de momentos qualificados, dando resposta às motivações provenientes da vida; seja nas condições íntimas, domésticas ou coletivas. Ou seja, há a preocupação em se captar os modos como cada um se representa.” (MOSTAÇO, 2009, p 19)

O fato de que existem múltiplos “eus” em cada pessoa não é um sinal de distúrbio, mas simplesmente o jeito como as coisas são. As maneiras como as pessoas desenvolvem suas próprias vidas estão conectadas com as maneiras como as pessoas vivenciam outras no mundo da idealização. Na verdade, se as pessoas normalmente não entrassem em contato com suas múltiplas personas, a experiência da performatividade não faria sentido.

O professor quando está em formação, e até mesmo na sua formação continuada após a graduação, tem consciência de que suas aulas são planejadas de acordo com a turma que está trabalhando, afinal a educação básica é feita de várias faixas etárias. O professor de Artes trabalha com todas, desde a educação infantil até o ensino médio, portanto, sabe que com cada turma trabalhará um conteúdo diferente, e estará lidando acima de tudo, com pessoas, e pessoas são diferentes umas das outras. Por isso o professor está em constante performatividade, tendo que lidar o tempo todo com situações diversas. Segundo Machado e Monteiro, (2016)

Não conseguimos viver em harmonia sem entender as características e necessidades das pessoas que nos rodeiam. Em um ambiente com infinitas possibilidades, não é de se estranhar que cada pessoa se interesse pelas mais diversas coisas. Juntamente com essas peculiaridades, surge a necessidade de se auto afirmar, mostrar sua singularidade. (p. 5)

O professor observa este espaço, estas pessoas, tendo de pensar que vai estar inserido em diferentes contextos. Portanto, pergunto que corpo é esse que atua na aula de arte? Que corpo de docente atua nesses momentos compartilhados com os alunos que faz significar suas aulas?

4.1 O CORPO INSERIDO NA FORMAÇÃO DOCENTE

O objetivo maior da aula de arte é possibilitar por meio da construção de uma consciência crítica no aluno um crescimento individual para ele assumir uma personalidade e procurar uma forma de expressar-se em questões sociais. E ainda, criar condições para que o aluno adquira diversas experiências, considerando a necessidade de receber esse conhecimento de forma significativa, levando a dúvidas e conflitos sociais, para assim se tornarem cidadãos críticos e pensantes. Pensar o corpo desse professor de Artes no contexto social em que está inserido diante de situações que levam os alunos a reflexão nos coloca a questão de pensar a forma como o aluno irá olhar para a aula desse professor que questiona e busca refletir de como o professor que reproduz o que é discutido em sala, em relação ao currículo escolar e a formação de conteúdos que os professores precisam trabalhar, fazendo da aula um momento de reflexão ou de reprodução?

Por conta do perfil do aluno, a forma do professor trabalhar vai ser diferente nas turmas, acontecendo a performatividade. Afinal, “A Arte, na prática, é um meio natural de aprender a viver, formas hábitos, conceitos, descobrindo capacidades e carências.” (HONORATO, 1988, p. 18)

Augusto Cury, em sua dedicatória do livro “O código da inteligência” a seguinte:

Como pesquisador da inteligência, não me curvaria diante de nenhuma autoridade política nem de nenhuma celebridade, mas me curvaria diante de todos os professores e alunos do mundo. São eles que podem mudar o teatro social. São atores insubstituíveis. (CURY, 2015)

Cury, um dos autores brasileiros mais lidos do século, um estudioso do comportamento humano, dedica seu livro com mais de 24 milhões de exemplares vendidos pelo mundo à professores e alunos. Isso significa que a educação é a forma de transformação que o ensino é a saída para mentes brilhantes e que o grande mérito está nas mãos do professor, portanto:

[...] é necessário que o professor busque transformar através de metodologias adequadas, os conteúdos para que os alunos possam compreender [...]. Desse modo, o formador de mentes (professor) estará contribuindo para a formação de cidadãos críticos e preparados para entender a realidade. (AQUINO; BORGES, 2009, p. 2)

O papel principal do professor é de ensinar, porém não só ensinar como reconhecer que o aluno está ali buscando uma identidade, se tornando um cidadão, assim precisa refletir como suas práticas influenciam no desenvolvimento dos alunos. A escola é um espaço de construção de identidade, para expressar melhor minha indagação, trago a citação de Paulo Freire, em seu livro “pedagogia da autonomia” ela faz tanto sentido no contexto escolar:

Ensinar exige pesquisa, exige respeito aos saberes dos educandos, exige criatividade, estética e ética, exige a corporificação das palavras pelo exemplo, ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação, exige reflexão crítica sobre a prática, exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural, exige consciência do inacabamento, exige respeito á autonomia do ser educando, apreensão da realidade, curiosidade, exige segurança e competência profissional e generosidade, ensinar exige comprometimento. (FREIRE, 2011, p. 94)

Pensar no processo de atuação do professor é refletir sobre os aspectos do aluno. Segundo as Diretrizes Curriculares de Criciúma (2016), “a reflexão do fazer pedagógico produz a diferença na educação da criança, para que atue de forma diferente, humana, autônoma, e crítica.” (p. 11)

A construção docente se dá a partir das experiências que começam na graduação, com os estágios e projetos acadêmicos e continua após a sua saída da universidade, pois a formação continuada é tão importante quanto o seu diploma. O diferencial de um professor dedicado é justamente esse olhar para além das aulas presenciais. E buscar experiências através de grupos de pesquisa, e projetos que enfatizam a experiência na sala de aula, ainda em formação.

A formação continuada do professor é singular, pois a identidade docente é um processo que depois de iniciada é preciso ser alimentada com pesquisa e práticas de ensino, para que faça sentido para o acadêmico, sempre formação.

Através do olhar para a formação continuada do docente, com entendimento de que o corpo na aula é singular, tanto do professor quanto dos alunos, e que cada momento é um momento único. Saber sobre ele, e pesquisar a performatividade que nosso corpo vive no dia a dia, faz com que o conheçamos e aprendemos a lidar e performar nas mais distintas situações que acontecem. Pensar no processo do seu corpo, de como ele se adapta a realidades diferentes possibilita-nos pensar no contexto poético que tem o corpo do professor de artes, sendo ele um corpo sensível e do qual é exigido uma capacidade de adaptação única.

Um corpo raro, que através da arte tem a oportunidade de olhar além, no sentido da construção de identidade dos alunos, aguçando sua sensibilidade. Tem a possibilidade de instigar a falar de sensações, e deixar o aluno sentir essas emoções. Não apenas viver de reprodução, acessando a uma informação ou um conhecimento. A aula de artes é acima de tudo fazer com que o aluno experimente. Penso esse corpo que atua na aula de artes, através das minhas experiências, pois foram com elas que me instiguei a pesquisar sobre a poética desse corpo sensível, que permite trocar momentos para aprender, e ensinar. A poesia que percebo que o professor tem em seu corpo revela que é a vida que admiro e quero viver, me percebendo como uma professora que constrói e se constrói com experiências que

permito viver. Só tenho a agradecer a arte por me proporcionar viver momentos e pesquisar sobre a singularidade do que é ser professor.

5. PROJETO DE CURSO: CONSCIENCIA CORPORAL E SUAS RELAÇÕES NA AULA DE ARTES

5.1 EMENTA

A partir de estudos e exercícios de Augusto Boal: Como é o seu corpo nas suas aulas? Ampliando o olhar para a consciência corporal dos professores de artes.

5.2 CARGA HORÁRIA

4 horas

5.3 PÚBLICO ALVO:

Destinado há professores de artes da educação básica, de rede pública e privada.

5.4 JUSTIFICATIVA

A iniciativa de trabalhar no projeto de curso a linguagem teatral é pensada para estabelecer percepções do corpo do professor de artes em suas aulas, através de jogos teatrais que irão desenvolver a consciência do seu corpo, pensando no seu cotidiano.

Sempre tive clareza da importância do teatro na vida cotidiana das pessoas, pois mesmo sem nos darmos conta, todos os dias em sala de aula usamos recursos da linguagem teatral. Desde quando o professor pede para que um aluno leia um texto em voz alta, que naturalmente a voz muda de entonação, em um diálogo onde é preciso representar dois personagens da história. Quando o corpo do professor tem um movimento de quem deseja atenção dos seus alunos. Inspiro-me em Honorato (1988), que diz,

Sem dúvida o teatro acontece no dia a dia, independente de uma proposta formal. A criança experimenta naturalmente, através do jogo dramático,

situação que não consegue resolver ou incorporar na sua forma de raciocínio e, para isso, ela recria situações. [...] E o teatro não é outra coisa senão a representação de situações e personagens (HONORATO, p 15, 1988).

O uso indireto da linguagem teatral é comum em todos os lugares e o comportamento das pessoas condiz com a relação que estabelecem com o seu corpo. Pensar o corpo do professor é também uma forma de desconstruir um distanciamento entre professor e aluno, que é criado pela condição do professor estar em pé na frente dos alunos sentados os ouvindo. E ainda, possibilitar com que o professor tenha experiência com o corpo, para assim poder se perceber em sala de aula. Trazendo a ideia do corpo desse poético do professor de artes em estado de performatividade.

E trabalhando nos jogos teatrais, por meio de exercícios de Augusto Boal, a consciência corporal; jogos de improvisações a partir de rituais cotidianos (acordar, comer, trabalhar), as rotinas que fazem parte de nossas vidas. É importante para pensar o desenvolvimento de fala de Boal, onde usa a expressão “ser teatro”. Essa expressão, segundo ele, contempla o ser humano que trás em si o ator e o espectador de si mesmo. Dentro dessa perspectiva, o projeto busca expressar o que cada um trás em seu corpo.

5.5 OBJETIVOS

5.5.1 OBJETIVO GERAL

Promover por meio da arte, principalmente através da linguagem teatral, reflexões da consciência corporal do professor de artes e a relação com os diferentes contextos em que ele se insere.

5.5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Possibilitar que o professor tenha práticas com o corpo, para se perceber em suas aulas;

- Perceber através dos jogos teatrais o seu “ser teatro”;
- Identificar através dos jogos teatrais, as possíveis relações entre experiência e performatividade vivida no seu cotidiano;

5.6 DESENVOLVIMENTO

O projeto é para professores de artes com ênfase na consciência do seu corpo como parte inserida no contexto dos seus alunos. Será uma oficina direcionada para professores de artes. Questionando sobre o seu corpo nas aulas, como ele é no cotidiano, fazendo-os refletir sobre as turmas que eles atuam, e a singularidade de cada uma, possibilitando pensar no contexto que esses alunos se inserem e questionar se o professor é sempre o mesmo em todos os momentos. Após a conversa e o aguçamento de questões referente ao corpo do professor, serão realizados jogos teatrais, partindo dos estudos de Augusto Boal.

O trabalho de construção da corporeidade do outro (um aluno descreve alguém enquanto outro constrói com seu próprio corpo essa pessoa. Depois se faz uma conversa para saber se o primeiro conseguiu descrever bem e se o segundo conseguiu construir o corpo direito).

Começaria com uma proposta inicial, a partir dos estudos de Augusto Boal, um exercício do livro “jogos para atores e não-atores”. Um dos participantes coloca a palma da mão esticada, dedos fechados, em frente à face de outro participante. A distância entre a palma e a face deve se manter, bem como seu paralelismo (o ângulo entre os dois) e a rotação (se a ponta do dedo médio está relacionada à testa, isto deve se manter). O dono da palma conduz os movimentos, mas engajando seu corpo nisso. Assim, ele explora ao máximo o movimento e posições corporais para os dois, mas cuidando também para que o canal de comunicação (a palma da mão) se mantenha íntegro (conduzindo de maneira que o outro possa seguir bem, sem romper o canal), mesmo que seus limites sejam testados. Trata-se de uma funcionalização do corpo. A condução, assim chamado o jogo, é um dos exercícios despersonalizantes, que questionam o sujeito como unidade. Variantes desta condução foram: com o corpo inteiro (o corpo inteiro de um participante conduz outro participante);

Abordo os jogos teatrais no projeto, para pensar a importância da percepção

do corpo do professor através de experiências que vão possibilitar pensar a poética que seu corpo tem quando está na sala de aula. Após as experiências, ouvi-los é importante para saber as relações possíveis que essas experiências corporais fazem com a performatividade no corpo do professor, se permitindo, e se transformando nas vivências.

5.7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

HONORATO, Aurélia REGINA DE SOUZA. **Abram alas... O teatro está entrando nas escolas**. Criciúma, SC: FUCRI. 1988.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

POESIA – AFETOS

*As melhores coisas da vida
Acontecem sem pretensão,
E é assim, uma sensação perfeita!*

*A vida realmente é
Um infinito de momentos,
Pensamentos, cores e amores...*

*Eu olhei para o palco
E avistei uma personagem,
Que de tão linda brilhava,
Encheu meus olhos de encanto.*

*Eu parei e pensei: Será um sonho?
Sair do teatro quando acabar a peça,
É hora de voltar para a realidade.*

*O lugar onde tudo me acontece
Porque tem que acontecer.
É porque o que me agrada
Mesmo é invisível aos olhos,
Nós sempre estivemos mais perto
Do que imaginávamos!*

*Ah arte, por onde você andava
Que só agora te encontrei?*

IMAGEM - AFETOS

Fonte: Acervo da pesquisadora

Após percorrer territórios, enfatizando questões para que assim surgissem mais questões surgiu a pesquisa. Posso dizer que, *Poéticas liberais da arte: Reflexões de um corpo necessário* trouxe-me experiências e conhecimento do início ao fim. Trago na construção do meu corpo de docente, um corpo poético, mas também crítico, nascido através da convivência com os alunos, fazendo-me lembrar de que o que realmente importa é a experiência de estar vivendo momentos que me transformam. As reflexões que fiz ao decorrer da pesquisa me fizeram observar mais. Percebo-me um corpo viajante, que percorre por contextos onde muitos acontecimentos são imprevisíveis, e a performatividade acontece para que possamos sempre ter a possibilidade de nos adaptar a contextos diferentes da nossa realidade. Senti-me atravessando experiências outra vez.

Exercitar o pensar do corpo do professor de artes e o contexto escolar que ele se insere na relação professor/aluno, foi o que me despertou para uma

percepção sensível que me acompanhou no curso, através dos meus estágios e projetos. Sempre me questionando sobre os lugares onde andei e o que aprendi com eles. Quando nos permitimos sair da nossa zona de conforto e sentir outras sensações, conseguimos enxergar o que não é visto, e foi assim que a pesquisa se revelou. Em muitos momentos busquei fazer possíveis relações com discussões que permeiam a sociedade, pensando num corpo necessário que quer fazer a diferença no seu cotidiano de trabalho. Trazendo discussões como o contexto social periférico, que é o contexto em que me insiro hoje, como uma forma de falar sobre a desigualdade social e pensar o professor de artes como um corpo crítico.

Ao percorrer por diferentes contextos, percebendo meu corpo em constante performatividade, olho para as situações que vivi e vivo em sala de aula. Um corpo em movimento, que se modifica, tendo a possibilidade de se adaptar a realidades. Insere-se em diferentes contextos para dar conta da perspectiva poética que carrega o corpo do professor de artes. Transformando-se para então se tornar experiência para seus alunos os momentos compartilhados.

Vejo que o que me move são as experiências que cada contexto que me inseri deixou marcada em minha alma. Sinto-me desafiada com a pesquisa, em não me deixar levar por metodologias que vão me fazer parar no tempo. Quero sempre em minhas aulas, me observar através dos corpos que me rodeiam, para que os conteúdos na maioria das aulas não sejam apenas uma troca de conhecimento, mas que seja experiência para os meus alunos, assim os construindo e os transformando nos momentos compartilhados. Meu corpo de docente fala por si, ele aprende muito na vida cotidiana, com as situações que vivo. Assim como o corpo do professor de artes é necessário para a educação, pensar o corpo dos alunos, presentes e instigados através da troca em sala de aula, para que as aulas possam contribuir para a formação de cidadãos críticos e preparados para entender a realidade.

As leituras que fiz ao longo da pesquisa me possibilitaram um leque de estudos importantes a serem pensados e desenvolvidos. Contribuíram em toda a pesquisa, e eu sou grata a todos os autores que me fizeram refletir a partir deles, pensando a poética do corpo do professor de artes.

... ao final desse território percorrido, pude concluir que o processo de ser é muito mais importante do que estar. Se eu sou, posso escolher entre estar ou não, mas eu sou... Ser professora de artes em um contexto que difere da minha realidade, e aprendo com ele. Antes mesmo de a arte aparecer na minha vida como

linguagem, ela já estava presente na minha perspectiva de olhar para as possibilidades e encará-las de maneiras inusitadas, manifestando-se através do meu apreço pela poesia.

Entre ser ou estar, abro uma brecha para poetizar...

REFERÊNCIAS

AQUINO, S.; BORGES, M. C. de J. **O Ensino das ciências e a importância de metodologias para a aprendizagem.** Uma Experiência vivida em estágio de Fortim, 2009.

COSTA, Luciano Bedin da. **Cartografia, uma outra forma de pesquisar.** Revista Digital do LAV – Santa Maria – vol 7, n.2 p 66-77 – mai / ago 2014. ISSN 1983-7348 <http://dx.doi.org/10.5902/1983734815111>

CURY, Augusto; **O código da inteligência.** Rio de Janeiro, RJ: Sextante. 2015. 256 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários á prática educativa.** rev. e atual. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

HONORATO, Aurélia REGINA DE SOUZA. **Abram alas... O teatro está entrando nas escolas.** Criciúma, SC: FUCRI. 1988.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência.** Revista Brasileira de educação. 2002.

MACHADO, Felipe; SILVA, Vitória Monteiro da. **Identidade e diversidade em uma experiência do PIBID de Artes Visuais nos anos iniciais da Educação básica.** 2016. ENALIC, 2016.
Disponível em: <<https://www.unioeste.br/eventos/enalic/anais/>>
Acesso em: 07 maio 2018.

MOSTAÇO, Edécio; Et Al (orgs) **Sobre performatividade.** Florianópolis. SC: Letras contemporâneas, 2009. 272 p.

SESC. Catalogo **Palco Giratório**, circuito nacional 2018;

APÊNDICE(S)

ELABOREI ESSAS QUESTÕES PARA VOCÊ REFLETI-LÁS E ESCREVER UM RELATO DE EXPERIÊNCIA:

1 – Me fale um pouco de você, e da sua profissão...

2 - Como é o seu corpo na sala de aula?

3 - Você dá aula em escola pública ou escola privada? Já teve experiência com ambas? Conte-me um pouco sobre essas experiências

4 - Como seu corpo reage a essas realidades diferentes? Ele sente um contraste em trabalhar em escolas com o contexto socioeconômico diferente uma da outra? Me dê exemplos de situações que acontecem...

5 - Como o teu corpo se insere na realidade dos teus alunos, sendo essa realidade, relativa?

6 - Como teu corpo se constrói numa escola nova, no seu primeiro ano de trabalho naquele lugar?

7 - Como é o corpo dos teus alunos nas tuas aulas?

8 - Teu corpo é sempre o mesmo nas situações cotidianas que acontecem em sala de aula?

9 - Termine seu relato dando a característica física que mais chama atenção no seu corpo, e qual foi o motivo da escolha.

Obrigada!

Att. Vitória Monteiro

ANEXO(S)